

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

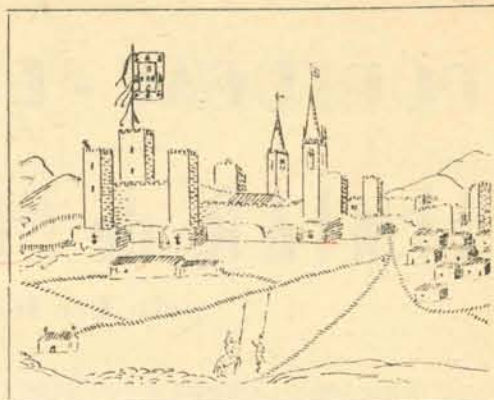
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



LITERATURA DE CORDEL

NISA e a Campanha de 1704

Por Fernando Portugal

A informação intelectual que constituía entretenimento quotidiano do povo foi, noutras épocas, representada pelo «romance de fascículos».

Hoje, porque as profissões subiram na craveira do progresso e na designativa geral, as coisas já não se passam assim.

A literatura acompanhou a evolução lógica e fisiológica de meninas e rapazes, proporcionando-lhes o estar em dia com o corpo e com o «espírito». É um producto «up to date».

Quem há aí que leve a negra vida de ganhar com suor o pão de cada dia, que se preocupe hoje com a leitura dos «fascículos»?

Deve ser raro encontrar-se um exemplar destes leitores, consideradas na devida atenção e acatamento as ordens honestas das actividades humanas.

De facto, existem actualmente recursos muito mais económicos, rápidos e sólidos, entre eles, o cinema e as «vistas» que aparecem nas feiras e que têm sempre bastante freguesia, por acentuada paixão pelos panoramas calidoscópicos.

A «fita» constitui o «fascículo» quase vivo de muitas plateias quase mortas.

E, na maioria dos casos, quando mete tiros e facada de ferver, é uma completa demonstração laboratorial de literatura contemporânea, alentada crestomatia, capaz de fornecer elementos técnicos e eficazes em toda a casta de público, desde as poltronas «smart» até aos bancos da «jaral», do povinho anónimo e oportunista.

As coisas evoluíram, conquistaram uma espécie de campo experimental e, de filosofia platónica, não tardarão a subir à categoria de ciência rigorosamente

prática, com ludiões de esmalte e tornassol às riscas.

Nestes termos, só quem propositadamente deseje contrariar o «espírito do século» é que não se deixa cingir por laços tão mimosos e cativantes.

A «era do fascículo» morreu. Morreu com os últimos gemidos dum romantismo espiritual e requintado, de que hoje se riem as donzelas mais castas e os mancebos menos marioles.

De longe em longe, ainda aparece o seu romance do género; no entanto, a «grande época do fascículo» passou.

E recordamo-la com saudades!

Vinha de mês a mês, o «Bandeira dos Romances», alto, corado, barrigudo, um tanto balofo, que os distribuía pela vizinhança, com um andar compassado de velho artista de circo.

E era ouvir aqueles «assinantes» soletrar às «mamãs» e às «divas» analfabetas as legendas das gravuras.

Que saudades destes espectáculos bárbaros e populares!

Queimavam-se os refogados, passavam as horas dos almoços, havia berro e grito de ensurdecer, os maridos protestavam, as tias solteironas tinham faniquitos curados a água de flôr de laranjeira e chá de pezinhos de cerejas, mas a leitura aturada dos romances estava sempre em primeiro lugar.

Foram-se os fascículos; vieram as fitas, mas ficou o soletrar das legendas, o que não é só bárbaro e popular, mas também insupportável.

Contudo, proporciona a muita gente estar em dia com o «espírito do século».

Ainda chorariam em Nisa muitas viúvas e já o país se via envolvido na Guerra da Sucessão de Espanha, combatendo ao lado de britânicos e holandeses, contra espanhóis e franceses.

Com efeito, a vila de Nisa sofreu terrivelmente as incidências da Guerra da Restauração. Pelo descuro dos homens, e muito pela acção desgastante do tempo, quer as barbacãs, quer o antemuralhão estavam bastante arruinados; igualmente danificado o castelo da vila, não obstante o esforço do Capitão-mor, D. Francisco Velho Coutinho para impedir que o telhado aluisse.

Aproveitando estas insuficiências defensivas, os espanhóis — militares ou paisanos — roubavam o gado, impossibilitavam as culturas e de um assalto, de que há notícia, realizado em 3 de Agosto de 1641, mataram e feriram cem pessoas e levaram para cima de 200 armas, mosquetes e arcabuzes.

Acudiu aos moradores o Conde de Castelo Melhor e deu-lhes uma peça de artilharia, em ferro, com que guarneceram uma das onze torres das muralhas e com ela tomaram ânimo para se defenderem.

Muito depois de acabada a luta, em 1675, ainda se faziam sentir os perniciosos efeitos da guerra sobre a vila mártir, pois D. Pedro II, em carta endereçada a D. Dinis de Mello de Castro, expressamente lhe recomendava que atendesse, em tudo o que fosse possível, as razões que a Câmara de Nisa lhe representava para se não fazerem soldados na vila, que «ainda não tem respirado das moléstias, que padece no tempo da guerra».

Verdadeiramente, nesta Guerra da Sucessão de Espanha, nunca estiveram em causa interesses genuinamente portugueses.

Por morte de Carlos II, surgiram vários pretendentes ao trono espanhol: entre eles Filipe, duque de Anjou, neto de Luis XIV, obviamente apoiado pela França, e o arquiduque Carlos, filho do imperador Leopoldo I da Austria, cuja candidatura sustentavam a Inglaterra e a Holanda.

O monarca português, instado com sedutoras promessas, hesitou entre os dois blocos. Primeiro, em 1701, inclinou-se para o lado francês que seria, por via de factos, o espanhol; depois pendeu para o lado inglês e holandês. E assim, em 30 de Abril de 1704, Filipe de Anjou, já então Filipe V de Espanha, declarou guerra a Portugal.

Pode dizer-se que a acção mili-

tar foi imediata. Transposto o Erges e dominadas Salvaterra, Idanha e Monsanto, as forças franco-espanholas enfrentaram em 21 de Maio Castelo Branco, que lhes resistiu até 24, saindo a guarnição do castelo no dia 25.

E a situação agravou-se, pois as tropas holandesas cediam em toda a linha.

Mas reportemo-nos ao caso particular da vila de Nisa. Em 7 de Maio desse ano, um moço fidalgo, João José da Costa e Sousa, Conde de Soure, cujo memorial acompanharemos, recebeu ordem para seguir para Vila Velha, a fim de aí mandar construir, com a maior brevidade possível, uma ponte no rio Tejo.

É crível que tenha permanecido na região durante o mês pois viu, em Abrantes, uma carta assinada pelo Barão de Fagel, onde se dizia que o inimigo se tinha apoderado de Castelo Branco, informação que depois soube ser falsa quando, da primeira vez, foi a Vila Velha recolher munições de boca e de guerra, que transportou para Nisa.

Perante a retirada maciça dos holandeses, e vendo o perigo que daí poderia advir, o jovem oficial pediu com insistência para, de Lisboa, lhe mandarem o seu Terço, pois se obrigava, com ele e com os paisanos que pudesse juntar, a disputar a passagem do Tejo a todo o exército inimigo.

Efectivamente, a 24 de Maio, já o Terço da Armada — segundo José Soares da Silva — se encontrava em Abrantes, embargado por «ordens sucessivas, todas entre si contrárias e incompatíveis», a última das quais mandava que se repartisse, ou partisse, entre Abrantes e Vila Velha, onde se encontravam as munições de guerra.

Esta ordem responde, em parte, ao desejo formulado pelo Conde de Soure que, nessa data, podemos acrescentar, conseguiu convencer o valoroso Mestre de Campo do mesmo Terço, Vasco Fernandes Cesar, a acompanhá-lo no empreendimento. A 25 puseram-se em marcha para Vila Velha, e a intenção só não resultou por o Barão de Fagel ter chamado a si o dito Terço, o qual atravessou o Tejo próximo da Amieira e encaminhou-se para Sobreira Formosa onde, a 27 de Maio, não chegou a tempo de evitar a derrota das tropas de Fagel e Weldom, estando para sofrer igual desaire.

Mesmo sem o Terço, o Conde, que se chegara a adiantar até Arez

com cem granadeiros, tenta o impossível e dirige-se para Vila Velha, escoltado por alguns criados, embora saiba que o inimigo se vinha aproximando. Durante a noite de 25 fez passar uma equipagem de holandeses para baixo das portas de Rodão e, com «dous barqueiros para navegarem doze barcas», tirou as munições que se encontravam no porto de Vila Velha. No dia 26 veio a Nisa tratar do transporte e encontrou a vila quase despovoada pois o inimigo passara em Montalvão duzentos cavalos, que tinha conduzido de Alcântara, pelo Tejo abaixo, em sete barcas.

Embora a narrativa neste ponto não permita tirar uma conclusão segura, é provável terem os franco-espanhóis entrado em Nisa nesse dia, três horas depois do Conde partir. Esta nossa hipótese baseia-se no facto de Costa e Sousa, tendo ido directamente para Abrantes proteger a artilharia aliada, dizer os seus esforços inutilizados pela derrota de Fagel que, como referimos, ocorreu precisamente a 27.

Poderia parecer ocioso que nos detivessemos sobre um facto mínimo da Campanha de 1704: a tomada de Nisa no dia 26 de Maio, se a data que indicamos não viesse colocar-nos ante a dificuldade de conciliar esta narrativa com as de Afonso Gama Palha, Damião Peres e outros autores.

O primeiro diz-nos que o rei de Castela passou o Tejo em Vila Velha, onde formou uma ponte de barcas, possivelmente com as doze que o Conde de Soure lá encontrara. Damião Peres fixa a data de 30 de Maio para a travessia do Tejo, dizendo que se lhe sucedeu a rendição voluntária de Nisa e Alpalhão. Sintetizando os dois relatos, podemos escrever que o exército franco-espanhol atravessou o Tejo em Vila Velha, no dia 30 de Maio, utilizando uma ponte de barcas, e provocou a rendição de Nisa e Alpalhão. Igual versão em Gastão de Matos e Caetano de Lima, que recua a tomada de Nisa para o mês de Junho.

Observemos, por último, os movimentos do exército franco-espanhol. Em 21 batia-se em Castelo Branco, e a 24, considerada definitiva a conquista da praça, foram

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

PORTUGAL - BRASIL

LIMIAR, de "Anteu"

pelo Dr. João de Barros

Foge o presente, foge às mãos sequiosas
e cingi-lo, de apertá-lo ao coração,
e as horas correm, tão vertiginosas,
que mal as vemos, no seu turbilhão...

Umam dão sonho, noutras nascem rosas.
Sonhos e rosas — porque nascerão?...
— Como a volúpia incerta que tu gosas
deixam saudades só, meu coração!

E é sempre esta saudade, esta agonia
de não viver a vida fugidia,
de ver fugir desejo, amor, verdade...

— Mas o futuro vela... E, fielmente,
colhe as horas mais belas do Presente
e delas tece a nossa eternidade!

Convite aos Colaboradores

Termina em 8 de Julho a entrega dos trabalhos destinados ao Concurso de artigos sobre temas sociais e corporativos promovido pelo Grémio Nacional da Imprensa Regional em colaboração com a Junta da Acção Social do Ministério das Corporações e Previdência Social.

Podem habilitar-se a este concurso os trabalhos publicados nos jornais agremiados naquele organismo corporativo entre 1 de Janeiro a 30 de Junho.

Para este efeito, os autores interessados deverão enviar 6 exemplares dos jornais em que se publica o artigo ou reportagem com que concorrem para a sede do Grémio Nacional da Imprensa Regional, na Avn. Almirante Reis, n.º 100-4.º Frente, Lisboa-1, acompanhados de carta ou postal de inscrição no concurso, cuja assinatura corresponda ao nome do autor dos trabalhos.

Serão atribuídos aos artigos de doutrina social e corporativa quinze prémios, sendo o primeiro de

3.000\$00, o segundo de 2.000\$00, o terceiro de 1.500\$00, o quarto de 1.000\$00, o quinto de 800\$00, do sexto ao décimo 500\$00 e do décimo primeiro ao décimo quinto 300\$00.

Com o objectivo de fazer participar mais estreitamente a Imprensa Regional na Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais em curso, a Junta da Acção Social oferece ainda um prémio de 2.000\$00, ao autor da reportagem de acidentes de trabalho ou doenças profissionais que melhor interprete o espírito de segurança relativo ao caso descrito sem prejuízo das exigências daquele género literário. Caso esta reportagem obtenha aprovação dos técnicos competentes será radiofundada em montagem especial.

O jornal que tiver publicado o artigo classificado em primeiro lugar receberá um prémio de 3000\$00, assim como será atribuído ao jornal que publicar a reportagem atrás referida um prémio de 2.000\$00.

Fitogeografia...

Saudade! Mavioso encanto
nesta palavra se extrema!
Tão singela, e no entanto
vale um místico poema!

Cada sílaba resume
triste soluço de mágoas...
Saudade é brando queixume
que os olhos põe rasos d'água!

Saudade! Uma flor assim
não há sobre a terra igual;
só floresce no jardim
deste nosso Portugal.

(De autor não recordado)

"A CIGARRA E A FORMIGA"

Na festa comemorativa do 51.º aniversário do Ateneu Setubalense foi levada à cena esta peça teatral, da autoria do nosso colaborador, Sr. Carlos Tomás Cebola.

VERDADES DE SEMPRE

Não é pobre o que tem pouco,
senão o que cobiça muito.

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

ACAUTELEM as Raposas!

O Sr. António da Cruz Cigano, que é boa pessoa e bom amigo, passa agora os seus dias na quietude da vida quotidiana, repousando por ventura de antigas lidas nas terras ásperas do Continente Negro, quando ele se bateu — e bem — em defesa da Pátria, lá nas margens do Rovuma. E' assim, um português às direitas. Gostamos de o ouvir recordar esses bons tempos, já distantes, duma "mocidade que se foi e que não volta mais".

Homem pacífico e sereno, não é por ele que vem mal ao mundo.

Mas, apesar disto, o que sucedeu ao António Cigano? Coisa bem inesperada!

Entrou-lhe em casa uma raposa, daquelas que têm patas, das autênticas, das que andam pelos matagais, em busca de vítimas para banquetes!

O sucesso passou-se de noite, porque, de dia, as raposas conservam-se encobertas.

Já tinha desconfiado do caso, pois ouvira passos suspeitos no telhado, a capoeira acusava revolta, havia sinais estranhos de bicho cabeludo. E faltavam-lhe alguns bicos. Como bom apreciador do género, concluiu: "Isto é raposa... e das novas.

Depois, viu, com olhos de linca, que a um canto havia montículo de ferra recentemente mexida. Desfez o cogulo, e o que se lhe deparou? Uma galinha morta, enter-

NA SENDA DO BEM

RECEBEMOS A SEGUINTE
"CIRCULAR":

Um grupo de Nisenses identificados na Comissão Executiva que subscreve a presente circular, propõe-se, tal como aconteceu em anos anteriores, levar a efeito por ocasião dos Santos Populares e durante a quadra estival, um conjunto de diversões cujo programa oportunamente se tornará público e revertendo o seu produto a benefício da Santa Casa da Misericórdia e da Banda Municipal de Nisa.

E' propósito da referida comissão, se possível fôr, remover todas as dificuldades e conseguir colaborações já solicitadas, organizar para além das touradas e bailes costumados, também alguns espectáculos de folclore e até outros com a colaboração de artistas da rádio.

Como é natural não poderiam a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia e a Direcção da

rada, que o bicho ali deixara, como reserva, para a noite seguinte. Sim, para a noite, que, de dia, as raposas andam encobertas.

E concluiu, uma vez mais, ser obra de raposa, daquelas que têm patas.

Disse para consigo: "Ora eu, que durante a minha vida tenho apanhado tantas e tão boas raposas, não deixarei escapar esta".

E não deixou. Com um velho caixote, sem fundo e de tampa móvel, a que dispôs móla, em sistema de ratoeira, cobriu o montículo e a galinha sacrificada.

Não se enganou. A armadilha deu resultado. Na manhã seguinte, lá estava a rapozinha, toda peluda, que era um encanto, aturdida, trememente, no fundo da jaula. Logo que a vitória foi conhecida da vizinhança, o povo acudiu, cheio de curiosidade, para ver o matreiro animal. O Boqueirão ferveu. Todos queriam ver a raposa.

Diz o António Cigano, num estilo que faria inveja ao nosso Eça: "Havia tanta gente à minha porta, que até parecia um jardim zoológico". E as mulheres comentavam: "Vejam lá; com aquela idade, e a "habeledede" que ele tem".

Há na vila mais raposas? Pois acautelem as raposas. Neste género, para o António Cigano, tudo quanto vier morre.

Banda Municipal de Nisa alhear-se de tão prestante iniciativa que virá minorar a situação aflita do nosso Hospital Sub-Regional e Banda de Nisa.

Deste modo com pleno apoio e colaboração daqueles que um e outro dirigem, a Comissão Executiva solicita a V. Ex.º todo o auxílio que para o efeito puder dar, o qual deverá traduzir-se em dinheiro, géneros ou numa prenda para a QUERMESSE que se pretende fazer funcionar no recinto das festas.

A Comissão Executiva a quem anima o melhor desejo de servir, desde já a todos agradece a contribuição que se dignem dispensar-lhe, para que a sua iniciativa possa constituir substancial auxílio à Santa Casa da Misericórdia e Banda Municipal.

Subscreve a «circular», a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, a Direcção da Banda Municipal e a Comissão das festas assim constituída:

Luiz Miguéns de Sousa
João Luiz Miguéns de Sousa
Eduardo Dinis Pinheiro
Virgílio Pinheiro
José Martins
Luis Dias Vitorino
Manuel Vicente Bragança
Baltazar Martins
Virgílio Pinheiro Heitor
Tomaz Louro
João Cebola
João Louro
António de Oliveira Louro
Joaquim Patrício
Norberto Melato
António Poerias
Joaquim de Oliveira Reizinho
António Rodrigues Pinheiro
António Cebola
Joaquim Condessa
Arnaldo Pinheiro
Francisco de Jesus Castanho
João Maria Sales
João da Cruz Lopes

E' de esperar que todos de bom senso acorram a esta solicitação, pois trata-se de duas entidades dignas de ajuda.

O nosso jornal põe as suas colunas, desde já, ao serviço de tudo que se destine a auxiliar a Santa Casa da Misericórdia e a Banda Municipal.

HOMENAGEM

Na Pensão Correia, houve há dias um almoço de homenagem aos Srs. António da Piedade Pires e Joaquim Pereira Martins, recentemente aposentados do magistério primário.

Falaram vários dos convivas que se referiram às qualidades morais e profissionais daqueles professores:

Por fim, os homenageados agradeceram.

Fortunato Paralta

Às primeiras horas da manhã de sexta-feira, dia 18, foi encontrado morto na sua residência, na rua da Fonte da Cruz, o lavrador e proprietário Fortunato Paralta, vítima, ao que parece, de colapso cardíaco. O funeral efectuou-se no dia seguinte.

Apresentamos condolências a toda a família enlutada.

ABERRAÇÕES DE ÓPTICA

Quando haverá luz eléctrica no Monte Claro?

Eis uma pergunta que parece responde a uma realidade. O Monte Claro, que é "claro", continua às escuras...

"Quousque tandem"?

Efemérides

No dia 12 de Junho de 1850, nasceu na Ilha de São Miguel o notável explorador africano Roberto Ivens.

QUEM CANTA

Não me ponha a mão na cinta,
diga de longe o que quer;
não perde você, que é homem,
perco eu, que sou mulher.

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES.
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESTI-
TUEM ORIGINALS. A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



Nisa e a Campanha de 1704

(Continuação da página 1)

expedidos dois regimentos de cavalaria e dois de dragões com o objectivo de atacar os regimentos holandeses que estavam próximos das Sarzedas. O recontro repetiu-se na Sobreira Formosa, com resultado vitorioso. Todavia o Marechal Berwick retrocedeu — quanto o Barão de Fagel tenha abandonado Abrantes e ido fortificar-se em Punhete —, preferindo realizar a junção do seu exército com o do Príncipe de Tilly que actuava no Alentejo. É possível que tal atitude tenha sido influenciada pelo conhecimento de que o Barão de Weldrem desguarnecera o passo das Sarnadas, deixando-lhe o caminho livre para Vila Velha.

Completando esta acção, os franco-espanhóis efectuaram o misterioso movimento de tropas que surpreendeu Montalvão e determinou a queda de Nisa, antes de Filipe V ter transposto o Tejo.

Marchou pois Berwick para Vila Velha. Um corpo de franceses postou-se na margem esquerda e lançou sobre o rio uma ponte de barcas. E nessa noite de 30 de Maio,

o duque de Anjou pernitoou em Nisa.

A Campanha continuou com sucessos vários. Mas a 9 de Julho já o inimigo levantara de Vila Velha, sendo crível que também tivesse saído de Nisa nessa ocasião. Filipe V retirara-se para Madrid deixando ordem para se demolirem todas as pequenas praças que havia conquistado. Nisa não foi poupada, diferentes minas destruíram o que restava do seu magestoso e vetusto castelo.

BIBLIOGRAFIA:

Memorial do Conde de Soure — Biblioteca da Ajuda História de Portugal — Edição de Barcelos, vol. VI Notícias do Terço da Armada — Gastão de Melo de Matos Mémoires de Pilippe V — Vicent Bacallas y Sana Amsterdão, 1756 Memória Histórica da Vila de Nisa — Graça Motta e Moura.

"O MONSTRO"

Por António Fonte

Quem foi que fez com que as mães seus filhos perdessem e as noivas também sem seus amados ficassem?

Quem deixando a caridade todos matou e devorou sem piedade?

Quem foi que do mundo tirou a amor e só deixou o ódio e o terror?

Todos falam, todos comentam,

Uns dizem: que foi um louco, outros um fantasma, outros um dracúnculo outros um monstro que no seu corcel, envolto por um anel de fogo, sangue e morte; procura a vingança na chacina e na matança.

E assim ele passa deixando no seu rasto, a amargura, o desespero, a traição, a loucura, o ódio e a tortura.

Ele segue, na escuridão envolto na imundície, vomitando fogo; e cheirando a podre.

Ele segue, envolvido pelo prazer que não é prazer, pelo desejo de alcançar o seu desejo.

Ele segue só no seu corcel de morte...

Solução da adivinha: NADA

Actividades dos RANCHOS de Nisa

No domingo último, e após uma afável recepção, tanto pelo público em geral, como particulares, em cujas residências foram os componentes mimoseados com lanches, o Rancho Infantil de Nossa Senhora da Graça deu um espectáculo em Castelo de Vide, no Teatro Mouzinho da Silveira.

Foi representada a peça de Júlio Dantas «Rosas de Todo o Ano», pela família Rodrigues Correia. Houve também um acto de variedades, com actuação do Rancho. Todos foram muito aplaudidos e em particular o director.

Na quinta feira, de novo estiveram ali, para mais um espectáculo, com o Rancho Infantil e representação da peça «Escrava do Amor».

Está já organizado o seguinte plano de trabalhos:

Em 18 de Julho, o Rancho Típico das Cantarinhas de Nisa vai a Castelo de Vide colaborar na festa dos Bombeiros daquela nobre Vila.

Em 19 de Julho, desloca-se a Arronches, para tomar parte na festa do Albergue Municipal dos Inválidos do Trabalho.

No mês de Agosto, em datas a fixar, irão a Vale do Arco, Aldeia da Mata, Campo Maior e Castanheira de Pera.

Muito nos agradam estas vitórias.

O Poder de Deus

Observámos há dias a reparação mecânica do lance de estrada que, a sul, atravessa o Boqueirão.

Um carro automóvel especial transportava «sarrisca» e alcatrão quente. Em curtos momentos, executava a sua tarefa.

Surgiu logo a seguir um outro veículo com pneumáticos especiais, a desempenhar funções de cilindro. E, dez minutos após, o trabalho estava concluído, num percurso de cem metros.

Pelo antigo sistema, a obra durava, pelo menos, um dia.

Eis o poder das máquinas, construídas pela técnica, a comprovar a inteligência, incomparável dádiva de Deus.

AS FESTAS

Nas noites de 23 e 24, começaram no Mercado as festas, a que noutro lugar nos referimos, em benefício do Hospital e da Banda de Nisa.

Houve baile, quermesse, e serviço de restaurante.

O indispensável é que toda a gente concorra para estes fins meritórios.

A CAPELA DE SÃO PEDRO

(Da "Memória Histórica")

Além da Capela de Santana, há também, nos subúrbios da Vila, a de São Pedro, que fica próximo dos muros, na parte ocidental, com a porta voltada para este lado, como a maior parte das igrejas edificadas no século X. É hoje a maior e mais asseada das capelas particulares, porque está toda forrada, ladrilhada e rebocada de novo, e a capela mór pintada com muita arte e primor.

Tanto a porta da entrada, como o arco da capela mór são de cantaria da Terra e de forma gótica, o que está revelando a sua antiguidade.

O altar mór tem seu retábulo dourado, no meio do qual está o Príncipe dos Apóstolos com as vestes e insígnias pontificiais.

Do lado do Evangelho, tem uma sacristia, para uso do clero e da Irmandade, que nela celebra as suas reuniões e adjuntos; e um púlpito de cantaria com escada por fora. E, do lado da Epístola, uma pe-

quena porta e um campanário com uma sineta, para anunciar a celebração dos officios divinos

No seu princípio, era pequena e estreita, de sorte que nos dias de grandes funções pouco mais do que o clero lá cabia; e, crescendo a Irmandade, viam-se então em seus apertos, o que deu lugar a alargar-se a Casa e fazer, no ano de 1638, do tamanho que hoje tem.

E, depois de feita, começaram logo os fieis a dotá-la com rendimentos, para poder subsistir. António Dias Brochado legou-lhe uma grande courela no termo de Arês, com a condição de lhe dizerem todos os anos, por alma, uma missa rezada.

E depois deixaram-lhe mais um grande Chão, em frente da porta principal da igreja. E, quando havia melhores esperanças de que a devoção continuasse, vieram as leis de desamortização, que lhe puzeram termo.

(Continua no próximo número)

OS NOSSOS ASSINANTES

(Continuação do número anterior)

Júlio Nogueira Correia
José Toucinho
José Vilela Mendes
António Correia Ribeirinho
Raul Pinto Rodrigues
Isaac Araújo
António Maria Bicho
Baltazar Matos Martins
José Esteves da Silva
Prof. Doutor João Porto
António Paralta Figueiredo
José Gomes Esteves
Dr. José Barros Gouveia
Adriano Dias Roldão
Carlos Tomás Cebola
Dr. Emílio Polido
Joaquim do Rosário Marques
João da Graça Paralta
António Anibal Barros Gouveia
José Malpique Bicho
José Dinis Caldeira
Júlio Rovisco Rascão
João Madalena
João Maria Granchinho
João Sena Aldeia
José Manuel Fonseca
Manuel Charrinho Filipe
António Malpique Rufino
José Rufino Domingues
Júlio Frade
Dr. Jorge Bastos
João Carita Temudo
Dr. Mário Relvas Fraústo
Sport Nisa e Benfica
Gabriel Pereira Martins
Dr. Cruz Malpique
José Dinis Moura
Henrique de Jesus Bandarra
Luís Serralha Cebolais
Armando Carita Farto
João Nunes Marques
Dr. António Paralta Ribeirinho
Capitão José Maria Belo
Capitão Duarte Pinto de Almeida

(Continua no próximo número)

LIRA POPULAR

Nisa-a-Velha = Nisa-a-Nova DO ZAMBUJAL

Por Arnaldo Pinheiro

1

Oh, Nisa, és a minha Terra, Terra do meu ideal. Aqui ficas situada, num canto de Portugal.

2

Tens já velhas tradições. A história assim o diz. Foste, Nisa, conquistada Pelo bom Rei D. Dinis.

3

E's Vila já muito antiga, toda a gente o participa. E disso é prova segura a velha Fonte da Pipa.

4

Tu foste sempre velhinha, do tempo dos maometanos. Mas todos nós, os nisesenses, provimos dos Lusitanos.

5

Oh, Nisa, oh, minha Terra, tens gente de boa raça, tens por Santa Padroeira Nossa Senhora da Graça.

6

As rendas, bilhas pedradas, são de boa tradição. Oh, Nisa, oh, querida Terra, Terra do meu coração.

7

Nisa, tens história linda que em muralhas se adivinha, mas já não tens lá em baixo do Frade a fonte velhinha.

8

Serás sempre Terra querida, com história sem igual. E sempre terás o nome de Nisa, a do Zambujal.